

MICROSCÓPIO

RAUL PILLA

Contra a ordem do dia do general José Pessoa, comandante da Zona Sul, levantou-se a arguição de carência de autoridade, já que somente o ministro da Guerra pode falar em nome do Exército.

Creio haver nisto um grave equívoco. Ninguém fala pelo Exército. Nos países verdadeiramente democráticos, o Exército não fala, não tem voz. Em França apelidaram-no, por isto, o grande mudo. Mas, falando êle e havendo alguém de falar por êle, uma das pessoas para isto menos indicadas é, justamente, o ministro da Guerra. Que é, com efeito, o ministro da Guerra? Simplesmente o membro do Governo encarregado da gestão dos negócios militares. E', pois, um órgão do Governo, e não um órgão do Exército. E este ministro pode até não ser militar, não pertencer sequer ao Exército. Na maioria dos países democráticos, é geralmente um civil.

Assim, não é o ministro da Guerra órgão de expressão do Exército, nos casos em que ao Exército seja lícito e necessário manifestar-se. Por êle falam os seus membros, os chefes que, por suas funções e seu prestígio pessoal, estejam em situação de fazê-lo. Foi o que fez o general José Pessoa, em nome da fracção do Exército que comanda. E' o que poderiam fazer outros generais em análoga situação.

Portanto, ou o Exército não fala, ou, quando fala, não é por intermédio do ministro da Guerra, que, sendo órgão do Governo, não o pode ser do Exército.

Mas, se o Exército não fala, como em nome dêle falou o general José Pessoa? Esta é outra questão. O illustre general viu-se obrigado a falar, para restabelecer a verdadeira posição do Exército, já que outros haviam falado, e falou muito mal, em nome dêle. Contrariamente ao que têm feito outros generais, que falam para em tudo meter o Exército, ou, melhor, para em tudo se meterem em nome do Exército, o general José Pessoa falou para que o Exército continuasse a ser, como lhe cumpre, o grande mudo, o grande impassível ante as contendas políticas.